

A ASSEMBLEIA DE DEUS E SUA INSERÇÃO NO MERCADO RELIGIOSO DA DÉCADA DE 1990

JÉRRY ROBERTO MARIN*

Este artigo analisa o projeto *Década da Colheita*, da Igreja Assembleia de Deus, realizado na década de 1990, e os discursos e as motivações presentes nele sobre as demais religiões. Diante das inúmeras transformações na sociedade brasileira e das disputas pelo mercado religioso, houve investimentos variados para defender os interesses da Igreja e o seu crescimento. Na busca de controle e da expansão, diante de um mercado religioso diversificado, complexo e competitivo, as lideranças investiram em estratégias diversificadas que garantiram sua expansão, legitimidade e reconhecimento social.

O mercado religioso brasileiro, na década de 1990, era concorrido diante da pluralização crescente do campo religioso. Nesse período, houve o crescimento significativo dos pentecostais e neopentecostais e a perda de fiéis pela Igreja Católica (cerca de 3 milhões), aspecto que indicou uma destradicionalização em nível religioso. Os católicos ainda representavam 73,8% da população (122 milhões), porém perderam terreno frente ao avanço pentecostal e neopentecostal. Na nova demografia religiosa, houve um avanço da Renovação Carismática e da Nova Era e a gradual retração numérica dos protestantes históricos e pentecostais (Luteranos, Anglicanos, algumas igrejas Batistas e a Congregação Cristã do Brasil) e das religiões afro-brasileiras (PIERUCCI, 2004). Cresceram as religiões orientais, tais como o Budismo, o Islamismo e o Judaísmo, assim como as religiões esotéricas e as tradições indígenas (NOVAES, 2004). Houve também um crescimento de indivíduos que afirmaram não ter religião, além da adesão a diferentes sistemas de crenças.

Diante da acirrada disputa pelo mercado religioso e das aceleradas transformações da sociedade brasileira, as lideranças da Assembleia de Deus desenvolveram, a partir do final da década de 1980, projetos a fim de manter a posição já conquistada de maior igreja pentecostal do Brasil e, ao mesmo tempo, de alargar sua presença e participação na sociedade brasileira. Com o processo de redemocratização, os evangélicos buscaram maior legitimidade ante a sociedade brasileira ao redefinir seu modelo de participação nos campos religioso, político, público e midiático (PIERUCCI, 2004: 163-167).

* Professor do Curso de História da UFMS e do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, Doutor em História.

2

Em 1989, as lideranças realizaram uma Assembleia Geral Extraordinária para debater sobre os desafios da Igreja no Brasil e para implementar o projeto *Década da Colheita*.¹ Este foi formulado pelo Comitê Mundial das Igrejas Assembleias de Deus, em reunião realizada em agosto de 1989, por ocasião do 75º aniversário, e foi implementado em nível internacional. Na ocasião, foi criado um comitê internacional para o projeto.² José Wellington Bezerra da Costa, na qualidade de presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), participou da reunião e assumiu a responsabilidade de viabilizar cinco metas criadas para o Brasil, que era considerado o maior país pentecostal do mundo.

A Assembleia Geral Extraordinária da CGADB, realizada em 1989, criou uma Comissão Nacional para viabilizar o projeto *Década da Colheita*. Os resultados dos estudos foram apresentados à Assembleia Geral da CGADB, realizada em janeiro de 1990. O anteprojeto foi debatido na segunda sessão convencional, no dia 8 de janeiro, e, após, foi encaminhado à aprovação dos convencionais (DANIEL, 2004: 541-544). Apresentava propostas ambiciosas e reafirmava as metas já estabelecidas pelo Comitê Internacional, porém foram realizadas mudanças na proposta: 1) organizar três milhões de intercessores que orassem pelo êxito da *Década da Colheita*; 2) ampliar para 50 milhões o número de fiéis por meio da conversão de novos membros, da manutenção dos fiéis no rol de membros e da reconquista daqueles que tinham se afastado ou se convertido às outras religiões; 3) formar 100 mil obreiros que se dedicassem à militância evangelizadora; 4) fundar 50 mil novas igrejas; e 5) enviar missionários para outros países e para as regiões do Brasil onde a presença da Assembleia de Deus não estivesse consolidada.³ Para divulgar o projeto e mobilizar os fiéis em nível nacional, foram impressos 100 mil cartazes e 3 milhões de folhetos de evangelização (DANIEL, 2004: 541).

Essa ofensiva, sem precedentes, previa uma reestruturação da Igreja para alcançar as metas previstas. Houve o reforço dos princípios teológicos e doutrinários, a reordenação dos cultos e das escolas dominicais e investimentos para aumentar o número de membros e de templos. O projeto estabelecia 18 reformas a serem realizadas, sendo a principal a reforma

¹ Edital de convocação da CGADB para a Assembleia Geral Extraordinária. *Mensagem da Paz*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 1.231, ago. 1989, p. 1.

² Assembleia de Deus dos Estados Unidos comemora Jubileu de Diamante. *Mensagem da Paz*, Rio de Janeiro, ano LIX, n. 1.231, ago. 1989, p. 23.

³ A *Década da Colheita*. *Mensagem da Paz*, Rio de Janeiro, ano LX, n. 1.238, mar. 1990, p. 11.

3

dos cultos, que deveriam enfatizar os testemunhos legítimos, os exemplos das lideranças, as manifestações dos dons, a pregação, o ensino bíblico, as orações e os jejuns. As igrejas passariam a realizar três reuniões diárias, quando seriam priorizados a pregação, os testemunhos e o envolvimento dos fiéis no projeto *Década da Colheita*. Deveriam ser reduzidas as festividades, a execução de hinos, os ensaios de grupos musicais e outras atividades que desviassem do foco, que era a evangelização e o reforço doutrinário sob bases conservadoras. Os cultos públicos, realizados em ruas e praças, para pequenas e médias audiências, foram valorizados como elemento distintivo e como estratégia para conquistar novos membros. Essa prática havia entrado em declínio durante a década de 1980, porém passou a ser valorizada em detrimento das grandes audiências, como as realizadas pelos televangelistas.⁴

Para que fossem alcançadas as metas de expansão numérica e institucional, foram estruturados investimentos diversificados de mobilização, instrução, motivação, *marketing* religioso e arrecadação de recursos para financiar os empreendimentos. Havia a preocupação com o planejamento, com o estabelecimento de metas coletivas e individuais e com a criação de estratégias certas e compatíveis com o que foi proposto. Nesse sentido, a economia das forças evitava sua dispersão, administrava os conflitos e impasses e o mau uso do tempo, a fim de tornar o trabalho mais eficaz e os resultados mais produtivos. Os crentes e os pastores, como portadores de uma missão especial, eram admoestados a se empenharem em um projeto comum, que envolvia mobilização, lealdade e autossacrifício.

A meta de alcançar 50 milhões de fiéis até o ano 2000 também foi apresentada como viável. Os dados estatísticos apresentados superestimavam o número de membros. Em 1991, calculava-se que seriam 10 milhões e que as taxas de crescimento eram de 500%. Seguindo essas projeções, a Igreja deveria manter taxas de crescimento anuais de 15% para alcançar os 50 milhões.⁵ A fundação de 50 mil novas igrejas e arregimentação de 100 mil novos obreiros seriam uma “decorrência natural” do crescimento do número de fiéis.⁶ O envio de novos missionários para outros países e regiões do Brasil era obrigatório, e todos deveriam orar e contribuir para que esse objetivo fosse alcançado. Caso a igreja não tivesse recursos

⁴ Projeto para a Década da Colheita. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LX, n. 1.237, fev. 1990, p. 15.

⁵ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 29.

⁶ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 29.

4

suficientes para manter um missionário, deveria unir-se a outras para fazê-lo e poderiam contar com o apoio da Secretaria Nacional de Missões da CGADB.⁷

Para que houvesse o crescimento do número de membros, era necessária a união de todos em torno de um projeto comum e, sobretudo, o aprimoramento das estratégias. Cada igreja deveria estabelecer metas anuais, e os seus membros, metas individuais. A evangelização seria o resultado do estudo e do conhecimento teológico e da doutrina por parte dos fiéis e da submissão de todos à vontade de Deus e de seus representantes. Porém, o conhecimento e a obediência não estavam dissociados da prática cotidiana e da ação, ou seja, da “multiplicação dos esforços para alcançar o mundo todo com as boas novas até o ano 2000”.⁸ O objetivo era criar um despertar missionário ofensivo onde todos eram convocados ao “Ide” a pregar, pois a Igreja deveria aumentar o número de fiéis e expandir-se (SOARES, 1992: 2). Como vozes autorizadas, estavam autorizados a intervir, a falar, a orientar e a evangelizar, ou seja, estavam autorizados a partir, estavam autorizados a autorizar. Todos deveriam ser mobilizados, preparados para a guerra, e atuar como um exército combativo. Estar “em plena Década de Colheita” tinha conotação de conquista, de guerra, de ação coletiva e de cruzada.⁹

Nesse contexto de ofensiva, as lideranças da Assembleia de Deus mostravam-se preocupadas com o avanço de outras religiões que poderia comprometer o êxito do projeto *Década de Colheita*. A imprensa enfatizava a necessidade da mobilização permanente para resgatar esses indivíduos das forças do mal e passou a demonizar os concorrentes. Nessa ofensiva, as escolas dominicais eram estrategicamente importantes para homogeneizar as doutrinas, as teologias e as posturas frente ao mundo e suas transformações, assim como para construir e reforçar os laços identitários e para mobilizar os fiéis. As aulas semanais foram estruturadas para atender a esses objetivos, pois eram organizadas a partir da leitura e reflexão dos textos publicados na revista *Lições Bíblicas*. Para os professores, passou a ser publicada a *Revista do Professor de Jovens e Adultos da Escola Dominical*, que incluía as lições semanais e textos paradidáticos sobre os temas abordados e trazia orientações sobre didática e estratégias de ensino. As aulas eram minuciosamente planejadas para esvaziar a criatividade, pois o uso do tempo era cronometrado de forma a não dar espaços aos professores e alunos,

⁷ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 29.

⁸ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 27.

⁹ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1991, p. 28.

5

aspecto que revelava a preocupação da Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD) de disciplinar as práticas de leitura e de ensino.

Entre as preocupações do Departamento da Escola Dominical estavam o aperfeiçoamento intelectual dos professores tanto na sala de aula quanto na administração da escola, a vigilância sobre os professores pelos pastores, a normatização do funcionamento das escolas, o aprimoramento e ampliação das publicações voltadas à escola dominical e o refinamento das técnicas de controle das práticas de leitura e de ensino.

A grade curricular da escola dominical centralizava-se na teologia e na doutrina da Igreja e no estudo da Bíblia sob bases conservadoras. As defesas dos fundamentos bíblicos autorizavam as lideranças a condenarem a sociedade contemporânea, sobretudo a secularização, o materialismo, os regimes comunistas, a erosão da moral e a ciência. No Brasil, criticavam e deslegitimavam, a partir de preceitos bíblicos, todos os movimentos sociais, a esquerda, as reivindicações dos trabalhadores do campo e da cidade, as lutas pelos direitos civis das mulheres e das minorias sexuais e étnicas, os movimentos pacifistas pela paz, as lutas estudantis, os movimentos contraculturais, os meios de comunicação massivos e as religiões e grupos concorrentes. A defesa ao governo constituído, desde que ele não se oponha à fé, e a sujeição dos fiéis os autorizavam a combater os que criticassem a Deus, pois toda a autoridade era instituída por Deus e os opositores estariam criticando-o.

A irrepreensível, perfeita e infalível Bíblia continha os princípios religiosos incontestáveis, que somente os assembleianos seguiam. A Assembleia de Deus formava, nesse sentido, uma comunidade de fiéis em que todos seriam iguais e partilhariam a submissão às verdades bíblicas. Como comunidade organizada, tinha como projeto a salvação do indivíduo e de toda a humanidade, ou seja, a *Década da Colheita* estava vinculada ao futuro do mundo e à sua redenção ou não. As “falsas profecias” e os “falsos profetas” ameaçariam sua missão salvífica e sua posição no competitivo mercado religioso. As instruções eram claras: para salvar-se, era necessário perseverar na Igreja, obedecer aos preceitos bíblicos, buscar a santificação, praticar o ascetismo e purificar-se para tornar-se semelhante a Jesus e, sobretudo, ser um “anátoma” quando “alguém [...] anunciasse outro evangelho”.¹⁰ A “verdade prática” legitimava que era “dever do cristão saber discernir a

¹⁰ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, capa.

6
doutrina ortodoxa da doutrina herética”.¹¹ Para tal, era necessário frequentar a escola dominical e os cultos e ler a bíblia para saber discernir as “perigosas” e “falsas” “seitas”, a “doutrina herética”, e heresias da ortodoxia das verdades defendidas pela Assembleia de Deus.

Na busca de controle e de monopolização do mercado religioso, adotavam discursos de poder e demonização contra os competidores religiosos, utilizando linguagens agressivas e detratórias que reforçavam identidades e excitavam os processos geradores da alteridade. Termos como “almas a colher/resgatar”, “exército”, “combate”, “salvar” e “escuridão” aparecem com frequência, excitando a ofensiva e, ao mesmo tempo, as intolerâncias. Nessa ofensiva, homogeneizavam os discursos doutrinários da igreja, deslegitimavam outras religiões, dificultavam seu estabelecimento, estimulavam a militância dos fiéis e ampliavam sua presença na sociedade por meio da criação de instituições de assistência social, hospitalares e educacionais. Converter, salvar os que não estavam salvos, incrementar a fé e as vivências religiosas tinham a conotação de conquista, de purificação do território e de transformação do espaço a ser incorporado sob os domínios da Assembleia de Deus.

A editora oficial intensificou os discursos de poder contra os concorrentes legitimados pela posse da verdadeira interpretação da Bíblia, aquela inspirada pelo Espírito Santo. As demais religiões seriam defensoras de “falsos ensinamentos”, preceitos “antibíblicos”, e teriam inspiração demoníaca. Nesse sentido, apresentavam mensagens e doutrinas distorcidas e falsas, que eram potencialmente perigosas. A Bíblia, vista como a palavra de Deus inspirada e infalível, seria a única fonte para discernir entre a ortodoxia bíblica e as heresias. A Assembleia de Deus apresentava-se como portadora da ortodoxia bíblica e, portanto, a única e verdadeira religião que garantia a salvação no arrebatamento final. A pluralização crescente do mercado religioso brasileiro e internacional foi interpretada como um sinal indicativo, já previsto, dos fins dos tempos, quando apareceriam falsos profetas e mensagens religiosas, com inspiração demoníaca, que deveriam ser extirpados.¹²

A preocupação em conhecer e administrar os concorrentes revelava a preocupação de planejar e gerenciar uma ofensiva que instaurasse a ordem e a ortodoxia. As religiões e milhares de igrejas, movimentos, correntes e alternativas religiosas foram ordenadas e

¹¹ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, capa, p. 3.

¹² Ortodoxia e Heresia. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, abr. 1997, p. 3-5.

7

classificadas em *religiões* e *seitas*. A classificação em grupos e subgrupos postulava uma estrutura, ao separá-las em entidades distintas e ao forjar semelhanças entre elas. Esse esforço por ordenar e classificar, com bases sólidas, denunciava a preocupação em conhecer para criar ações e estratégias diferenciadas para combatê-las e serviria de guia para o futuro na medida em que os inimigos fossem conhecidos. Manipulavam-se, dessa forma, as probabilidades e eliminavam-se as causalidades.

Na lição *Ortodoxia e Heresia*, foram apresentadas as seguintes classificações e juízos:

Há 10 grandes religiões no mundo, além do Cristianismo. São elas: Budismo, Confucionismo, Hinduísmo, Taoísmo, Xintoísmo, Zoroatrismo, Sikhismo, Islamismo e Judaísmo, e muitas milhares de seitas.

Eis o desafio da Igreja. [...]

As seitas modernas classificam-se em pseudocristãs, orientais, ocultistas e secretas. Pseudocristãs. Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia, Mormonismo, Meninos de Deus (também conhecida por A Família), Tabernáculos da Fé, Igreja de Cristo Internacional (de Boston), Igreja da Unificação (Rer. Moon), Igreja Local de Witness Lee, Voz da Verdade, Testemunhas de Jerrochua e Igreja Pentecostal Unida do Brasil.

Orientais. Arte Mahikari, Hare Krishna, Seicho-no-iê e Messiânica Mundial.

Ocultistas. Kardecismo, Legião da Boa Vontade, Santo Daime, Racionalismo Cristão, Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Cultura Racional, Ciência Cristã e Nova Era.

Secretas. Maçonaria, Ordem Rosacruz e Teosofismo. A Maçonaria não é apenas uma associação ou confraria; ela é, também, uma religião. (grifos do autor).¹³

As seitas reuniram um grupo de pessoas em torno de uma interpretação particular da Bíblia e caracterizar-se-iam por distorcerem o cristianismo ortodoxo, por terem lideranças fortes, por pregarem falsas profecias e a salvação pelas obras e por apresentarem revelações subjetivas da Bíblia.¹⁴ Todas foram condenadas por distorcerem e negarem as verdades fundamentais da Bíblia, como a doutrina da trindade, que resultava em um *outro* evangelho, em um *outro* Jesus, em um *outro* Deus e em um falso céu para os seus fiéis. Muitas negavam a autoridade da Bíblia; outras acrescentavam algo a ela; outras, embora declarassem crer nela, não incentivam sua leitura; muitas valorizavam outros livros e líderes humanos que teriam a mesma autoridade da Bíblia e de Jesus Cristo; e ainda havia as que valorizavam traduções não ortodoxas para justificar sua doutrina e seu trabalho. Também foram condenadas por serem

¹³ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, p. 4-5.

¹⁴ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, p. 4-5.

8
exclusivistas, ou seja, por pregarem que a salvação seria restrita aos seus fiéis.¹⁵ Porém, as lideranças assembleianas constantemente afirmavam essa exclusividade: “[...] nós os salvos e remidos pelo sangue de Jesus”.¹⁶ Ao justificarem sua visão de mundo, diferenciavam-se dos grupos religiosos concorrentes, inclusive pentecostais, e, ao mesmo tempo, construíam uma identidade genuinamente pentecostal e bíblica em contraste e oposição aos *outros* e às suas mensagens.

Em 1992, a revista *Lições Bíblicas*, no quarto trimestre, propôs 13 lições, que seriam ministradas no quarto trimestre das escolas dominicais, que trabalhavam com as diferentes religiões. O tema era “religiões, seitas e doutrinas falsas” e enfocava temas “antibíblicos” de cada uma delas, seguidos das contestações e do que seria a *verdadeira* interpretação e leitura. A fonte referencial para refutar essas religiões era a Bíblia, representada como um livro infalível, pois “o verdadeiro culto de Deus é apresentado nas refutações bíblicas”.¹⁷ A publicação analisava as atividades, a doutrina e a presença de diferentes religiões, filosofias e instituições, como a Maçonaria.

“O Movimento Nova Era desmascarado” foi tema da primeira lição, seguida pelas lições que enfocavam “O Catolicismo Romano”, “O Islamismo”, “O Budismo” “O Espiritismo”, “A contraditória Igreja Messiânica”, “A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias”, “O Mormonismo”, “A Maçonaria e Rosacrucianismo” e “Os Testemunhas de Jeová”. Outras lições versavam sobre predestinação, sobre os “Falsificadores da Palavra de Deus”, sobre “Jesus, o Único Salvador e Rei” e, para encerrar, sobre “O Único e Verdadeiro Deus”. Na lição 11, “Predestinação, Judaísmo, Adventismo”, os editores faziam a ressalva de que o Judaísmo tinha sido incluído não como “religião falsa, mas para seu estudo como sistema religioso dos judeus até hoje” (SILVA, 1992: 2). Nesse contexto, o principal inimigo a ser combatido era a Nova Era, representada como uma ameaça herética à humanidade, que poderia persuadir os incautos, inclusive os fiéis da Assembleia de Deus.

No segundo trimestre de 1997, a revista *Lições Bíblicas* publicou 13 lições sobre “Seitas e Heresias: se alguém vos anunciar outro evangelho seja anátema”, com lições sobre

¹⁵ Na doutrina da Assembleia de Deus, a salvação estava disponível, pela fé em Jesus Cristo, a todos os que se arrependessem de seus pecados. A salvação exclusiva seria um afronta à graça de Deus e ao mérito da morte de Jesus no calvário. *Lições Bíblicas, Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997, p. 4-5.

¹⁶ Qual a solução para o Brasil? *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, ano LVIII, n. 1.218, jun. 1988, p. 14.

¹⁷ Religiões, seitas e doutrinas falsas. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição do 4. trim., out. 1992, p. 2.

9

“Ortodoxia e Heresia”, “A doutrina da trindade”, “A doutrina da natureza do homem”, “Distorções da Confissão Positiva”, “Seitas Modalistas”, “Nova Era”, “Espiritismo”, “Catolicismo Romano”, “Adventismo do Sétimo Dia”, “Igreja da Unificação”, “Congregação Cristã do Brasil”, “Mormonismo” e “Testemunhas de Jeová”.¹⁸

O Departamento de Educação Cristã da CPAD orientava os pastores a vigiarem e a controlarem os professores das escolas dominicais para que não ensinassem o “livre extremismo, [o] modernismo, [o] fanatismo, [as] doutrinas falsas, etc.” (SILVA, 1981: 2). As publicações objetivavam desmascarar os concorrentes a partir da Bíblia, legitimada como única fonte para diferenciar a ortodoxia bíblica da heresia.¹⁹ A condenação às demais religiões provinha da refutação bíblica, fonte de conhecimento e autoridade. Nesse olhar, as mensagens e doutrinas que afirmavam serem procedentes de Deus teriam que passar pelo crivo da Bíblia, da qual os assembleianos se autorrepresentavam como os únicos intérpretes fidedignos.²⁰

Os estudos sobre as diferentes religiões, crenças e movimentos objetivava, entre outros aspectos, singularizar a Igreja diante dos outros grupos concorrentes, forjando um *nós*, uma coletividade de fiéis distinta da dos infiéis. Ao converter-se, o indivíduo adquiria privilégios da divindade que seriam exclusivos aos membros desse grupo. A Igreja é exaltada pela posse da verdadeira interpretação da Bíblia e por ser a única a garantir a salvação, construindo uma posição de destaque do ponto de vista religioso. O conhecimento dos *outros* tinha também como fim reforçar o conhecimento doutrinário e impelir os fiéis à atividade missionária. Para lutar nos exércitos divinos, era necessário estar preparado para questioná-las, confrontá-las, refutá-las e condená-las, a fim de “ganhá-los para Jesus”. Esse empreendimento era representado como uma obra sacralizada.²¹ A aproximação do fim dos tempos exigia uma mobilização, e as lutas deveriam ser intensificadas para purificar, regenerar e salvar a sociedade, porque o tempo urgia e o indivíduo deveria estar pronto. O segundo retorno de Jesus exigia o arrependimento e a conversão à Assembleia de Deus. A ofensiva proposta forjava uma comunidade de fiéis organizada e unida em torno do projeto que envolvia o futuro do mundo, ou seja, a salvação da humanidade.

¹⁸ Lições Bíblicas, *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, 2. trim. 1997.

¹⁹ Ortodoxia e Heresia. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, abr. 1997, p. 7.

²⁰ O Budismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 4, out. 1992, p. 17.

²¹ O Mormonismo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 7, nov. 1992, p. 25.

10

No final da década de 1990, as lideranças da Assembleia de Deus, para defenderem a expansão pretendida, começaram a perceber novos concorrentes na acirrada batalha pelo mercado religioso brasileiro. Entre eles, estavam as religiões neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976) e a Renascer em Cristo (1976), que cresciam em número de igrejas e de fiéis. Os neopentecostais ofereciam bens simbólicos mais atrativos, tais como a teologia da prosperidade, a cura, o descarrego e o exorcismo do Demônio.

O crescimento numérico de fiéis e de igrejas e o *marketing* religioso e empresarial dos concorrentes neopentecostais geraram preocupações entre as lideranças da Assembleia de Deus. Segundo Souza, até 1996, a revista *Lições Bíblicas* não fazia nenhuma alusão explícita às práticas e crenças neopentecostais, mas eram frequentes as críticas a determinados movimentos religiosos, representados de forma genérica (SOUZA, 2000: 252-253). A Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se alvo de interesse, estudo, crítica e demonização, sobretudo após o seu grande crescimento de fiéis e de templos, da compra da TV Record, em 1990, do episódio conhecido como “o chute da santa” em um programa do canal da emissora e da prisão do bispo e líder Edir Macedo (SOUZA, 2000: 255-256).

Os teólogos da Assembleia de Deus viam como sinais do segundo retorno de Jesus a proliferação dos falsos profetas e de “líderes gananciosos, que [pregavam] a mensagem por interesse financeiro, que [usurpavam] os bens das pessoas simples, oferecendo em troca bênçãos que não [podiam] dar, pelo qual terão de prestar contas ao justo Juiz e toda a terra.” (GOMES, 1992: 8). Denunciava-se também o falso despertamento, as inovações afastadas do Evangelho e o emprego de técnicas elaboradas para controlar o auditório, tais como “rir, chorar, jubilar, pular, bater palmas, etc. Sabem até imitar o batismo com o Espírito Santo, ‘ensinando’ o povo a falar em línguas. São, porém, *experiências* sem nenhum poder e sem a menor reverência.” (grifo nosso), ou seja, essas práticas eram vistas como profanadoras do culto e experimentais (BERGSTÉN, 1993: 1).

A partir de 1996, a revista *Lições Bíblicas* passou a divulgar vários textos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus. As práticas de exorcismo foram condenadas pelo fato de os pastores conversarem, em programas de televisão da Rede Record e nos templos, com os demônios, contrariando o Evangelho, que determinava apenas sua expulsão em nome de Jesus

11

(SILVA, 1994: 30). Criticava-se também o pseudobatismo que realizavam, por serem “práticas inventadas e sem apoio bíblico”, e a glossolalia, que havia se tornando cômica e sem seriedade. O pastor Esequias Soares da Silva comentou que tinha ouvido alguém dizer “‘Eu falo línguas’, e a outra pessoa responder para ele: Fale, e ele começa a falar. Há pessoas que querem ajudar Jesus fazer a obra. Falam línguas e mandam as pessoas que ainda não foram batizadas imitá-las.” (SILVA, 1994: 10-11). Segundo Souza, os discursos de críticas à teologia e às práticas neopentecostais construíam representações negativas que demarcavam diferenças em relação à Assembleia de Deus, única religião que oferecia a verdadeira experiência pentecostal (SOUZA, 2000: 256-257). Eles seriam um pseudossegmento do movimento pentecostal, antibíblico, experimental, herético, modista, charlatão, que enganava e explorava financeiramente o povo, que se apropriava de seus bens em troca de cura e prosperidade, entre outras motivações. A teologia da prosperidade foi amplamente criticada por contrariar os ensinamentos da Bíblia.

As lideranças da Assembleia de Deus viam nos concorrentes não somente um inimigo em potencial e real, mas alguém que era pagão e demoníaco e que falseava a verdadeira religião. A prática de nomear, classificar e analisar os *outros* com elementos negativos e detratores criava divisões, classificações, tratamentos desiguais e distinções entre os salvos e os não salvos e entre os *nós* assembleianos, comunidade de fiéis, um “parentesco espiritual” em que todos partilhariam a submissão às verdades bíblicas, com uma identidade distintiva e aparentemente una, e os *outros*, *eles*, não assembleianos.²² Nomear e classificar os *outros* não significava apenas conhecê-los ocularmente, mas também significava descobrir e reafirmar o *nós* a partir de uma observação à distância, sempre superficial, negativa e confinando-os ao exotismo e aos erros doutrinários e interpretativos, de inspiração diabólica. Tratava-se de um *outro* que o negava e justificava e que dava sentido à sua existência, à sua razão de ser e à sua ofensiva missionária, uma vez que um pressupõe o outro. A construção de saberes e de diferenças irreduzíveis revelava a tentativa de dominar, de conquistar o poder e de “colonizar” as religiões concorrentes.

²² Segundo Oliva e Benatte, o crescimento pentecostal está associado à sua capacidade de criar identidades. No “templo e fora dele, a sociabilidade cotidiana congrega os indivíduos, cria novos liames sociais; os ritos intensos estimulam a formação de vínculos de amizade e irmandade; os fiéis se tratam por irmãos e irmãs e encontram-se quase todos os dias durante os cultos, orações e estudos bíblicos, visitam-se mutuamente. Há solidariedade e reciprocidade; as relações pessoais tendem a ser duradouras e os casamentos, não raros endogâmicos, reforçam ainda mais os vínculos individuais e familiares.” (OLIVA, 2000: 36).

A produção de identidades e de alteridades era uma estratégia crucial para criar uma comunidade de fiéis e de destino, unidos sob as muralhas protetoras da Igreja contra a imprevisibilidade do desconhecido, do novo, do inesperado, do incontrolável e sobre os inimigos infiéis e heréticos que ocultamente agiam sob a liderança do Satanás. A Assembleia de Deus oferecia a salvação e a segurança em um tempo considerado conturbado e próximo do fim. O objetivo final era erradicar todos os concorrentes, que deveriam ser destruídos, e seus adeptos, evangelizados. A comparação que realizavam era sempre uma condenação e, ao mesmo tempo, a construção de diferenças e a negação dos diálogos interculturais. Os discursos detratores das religiões concorrentes, ao julgarem os outros e os diferentes, justificavam os preconceitos, a incompreensão e a recusa das diversidades culturais.

A missão da Igreja era supranacional, ou seja, “anunciar o evangelho a todos os povos até aos confins da terra”.²³ Deus não desejava que ninguém se perdesse e que todos tivessem pleno conhecimento da verdade. Nem o Diabo nem os governos teriam autoridade nem força para anular esse desígnio divino. O único impedimento seria o pecado, que teve seu poder anulado com as mensagens cristãs. Assim, o desafio da Assembleia de Deus era alcançar o mundo, atingindo todas as nações. Para tal, era necessário “estabelecer metas definidas” e dispor-se para vencer os obstáculos.²⁴ A cruzada exigia organização, recursos, determinação para vencer os desafios e decisão pessoal e coletiva:

Nosso propósito deve ser firme, coletivo e imediato. Temos uma tarefa e precisamos cumpri-la. Precisamos vencer o desafio. A expansão do Reino de Deus deve ser nossa prioridade UM.

[...] Mais do que tudo, precisamos um forte espírito de decisão. Temos de IR. [...] Chegaremos aos confins da terra depois de darmos o passo inicial.²⁵

Os fiéis eram convocados à atividade missionária e à grande batalha espiritual, contra as hostes e potestades dos exércitos do Diabo e dos seus seguidores, que teriam seu desfecho no grande Armagedom. O Diabo e seus seguidores eram os grandes inimigos do cristianismo e suas forças se manifestavam na sociedade e tinham como alvo os cristãos. Nessa guerra santa, os assembleianos disputavam as almas dos viventes, propiciando sua salvação e a

²³ Evangelizemos o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1992, p. 37.

²⁴ Evangelizemos o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1992, p. 37.

²⁵ Evangelizemos o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 11, jun. 1992, p. 39-40.

13

expansão do Reino de Deus. Os inimigos a serem combatidos eram todas as religiões concorrentes, cristãs ou não, inclusive as pentecostais e as neopentecostais. Para Pompa, no imaginário do fim dos tempos, os indivíduos não deveriam estar apartados do mundo ou viverem fora da história, mas estarem inseridos nele, intervindo em nome de Jesus. Revestidos de poderes pelo batismo com o Espírito Santo, os fiéis estavam autorizados a evangelizar e a lutar no seu exército contra as investidas dos inimigos de Deus e das almas (POMPA, 1998: 13).

Os discursos que excitavam a violência não estavam deslocados da prática e se tornaram sua evocação legitimadora, ou seja, a existência desses *outros* era construída como uma ameaça à Assembleia de Deus, aos indivíduos, aos governos, aos países e à humanidade. A guerra aos *outros* concorrentes, assim como o projeto *Década de Colheita*, criava oportunidades para mobilizar os fiéis em torno de um projeto comum que garantisse o futuro da Igreja e a salvação no momento do arrebatamento final. Esse incitamento forjava sentimentos identitários comunais, de lealdade e de autossacrifício, construído, entre outros aspectos, na rejeição das diferenças das mensagens e das interpretações da Bíblia e em uma identidade comunal distintiva. O *outro* era pura negatividade e deveria ser combatido.

Intolerantes, não cessaram de fabricar os *outros* e de deslegitimá-los. As lideranças olhavam as diferentes religiões, crenças e movimentos desqualificando-os por não serem “legítimos”. Excluía, dessa forma, as possibilidades de diálogos inter-religiosos e interculturais e excitavam os processos geradores da alteridade e de aprofundamento das diferenças. A ação missionária redentora que desenvolviam teria sido confiada por Jesus Cristo, pois ele era a autoridade suprema. Assim, sentiam-se responsáveis e orgulhosos por difundirem os ideais de Jesus Cristo, por serem a única religião a deter a interpretação legítima e infalível da Bíblia, da superioridade da sua doutrina e usos e costumes e porque iriam evangelizar o mundo e derrotar o Diabo.

Em suma, as lideranças construíram diferenças radicais entre a Assembleia de Deus e as diversas religiões. Ao forjar diferenças e distinções, valorizavam os aspectos que os diferenciavam. A Bíblia era um livro infalível e incontestável, porém as interpretações eram diferentes, distinguindo a Assembleia de Deus dos concorrentes, pois sua visão era a única válida. A posse da única e verdadeira interpretação garantia a salvação apenas aos assembleianos. As comparações eram sempre uma condenação, e as análises realizadas não

14

eram vistas e representadas como passíveis de erros e questionamentos. Os concorrentes seriam falsificadores da palavra, charlatães, pagãos, experimentais, sem revelação, supersticiosos, satânicos e o Anticristo. Assim, os julgamentos sempre eram desfavoráveis e lançavam os *outros* no nada. Não se discutia se os *outros* podiam interpretar de maneira distinta, e recusavam-se a aventar a possibilidade de que poderia haver uma unidade entre o Deus da Assembleia de Deus e o dos seus concorrentes. As lideranças, ao atribuírem uma superioridade à Assembleia de Deus, aceitavam e favoreciam o estabelecimento de relações de hostilidade para com grupos religiosos não assembleianos. A avaliação negativa dos *outros* requeria uma censura a qualquer possibilidade de vê-los como iguais, excitando seu caráter não democrático e conservador. Os demais grupos religiosos não seriam grupos que os tornassem cômicos de suas singularidades, com quem podiam apreender, conviver e ter como ponto de referência da identidade assembleiana. Ao contrário, havia um esforço reflexivo e constante de chegar a um saber sobre os outros, a uma verdade que justificasse sua demonização. Como portadores de uma missão especial, afirmavam a superioridade da Assembleia de Deus e justificavam seus projetos para remodelar o mundo, regenerar o Brasil e salvar a humanidade.

A *Década da Colheita*, apesar de não alcançar os resultados planejados, de 50 milhões de membros, conquistou um crescimento excepcional. De acordo com o censo de 1991, a Assembleia de Deus tinha 2.439.770 membros e, no de 2000, tinha 8.418.154. Segundo Mariano, o censo de 1991 subestimou o número de assembleianos, o que elevou artificialmente a taxa de crescimento na década seguinte, taxa que não deve ter alcançado a metade de 14,8% (MARIANO, 2004). Assentando-se na afirmação da identidade assembleiana, na habilidade de explorar as mudanças sociais aceleradas da sociedade brasileira e na disposição de adaptarem-se às mudanças, a Igreja conseguiu crescer nos anos 1990 e deteve o posto de maior igreja pentecostal do Brasil.

Em suma, os projetos de *Colheita* ressignificavam os discursos escatológicos, atualizando-os sob diferentes formas e contextos. Essa proliferação discursiva acompanha a Assembleia de Deus desde a sua fundação no Brasil e é eficaz para mobilizar, converter e disputar o mercado da salvação, bem como para reforçar os laços identitários.

Referências

BERGSTÉN, Eurico. O despertar renova o altar. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 3, jul./ago./set. 1993, p. 11.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Forense Universitária, 1994.

DANIEL, Silas et al. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FONSECA, André Dioneu. *As fronteiras das leituras: imprensa e práticas de leitura na Igreja Assembléia de Deus (1980-1990)*. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

FONSECA, André Dioneu; ROIZ, Diogo da Silva. As representações da Igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 4, n. 2, p. 185-205, maio 2009.

GOMES, Geziel Nunes. Sinais da sua vinda. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 5, abr./maio/jun. 1992, p. 8.

MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, ano 8, p. 68-95, dez. 2008.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 63-171. v. 4.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: _____. *Cem anos de Pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000. p. 31-66.

OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Anuário Antropologia Social y Cultural em Uruguay 2002/2003*, Montevideo, p. 205-214, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flavio. “Bye bye, Brasil”: o declínio das religiões tradicionais no censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

16

PIERUCCI, Antônio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: _____; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 163-191.

POMPA, Cristina. A construção do fim do mundo: para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil “rústico”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 41, n. 1, 1998.

SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola bíblica dominical: um curso de treinamento para professores iniciantes e atualização de professores veteranos da Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

SILVA, Esequias Soares da. O poder de Cristo sobre os demônios. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 6, jul./ago./set. 1994, p. 30.

SILVA, Esequias Soares da. A descida do Espírito Santo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 2, jul./ago./set. 1996, p. 10-11.

SOARES, Adilson Faria. Nosso objetivo – evangelização. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, Lição 1, 5 abr. 1992, p. 2.

SOUZA, Elton Fernandes de. Conflitos entre pentecostais: representações da Igreja Universal do Reino de Deus no âmbito da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1990 - 2009). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000. p. 249-284.

Fontes e revistas

Jornal Mensageiro da Paz (1989-2000).

Assembleia de Deus. Disponível em:

<http://www.apazdosenhor.org.br/p_index.php?pag=decada>.

Revista da Escola Bíblica Dominical (1990-2000).

Revista Lições Bíblicas (1989-2000).

Revista Obreiro (1990-2000).